

RACISMO LINGUÍSTICO: A DESCONSTRUÇÃO DO VOCABULÁRIO RACISTA NO CONTEXTO ESCOLAR

LINGUISTIC RACISM: THE DECONSTRUCTION OF RACIST VOCABULARY IN THE SCHOOL CONTEXT

Lívia Maria do Rego Pinheiro ¹
Ana Ingrid Rodrigues Maciel ²
Gabriela da Silva Rocha ²

RESUMO:

O objetivo deste trabalho consiste na desconstrução do racismo linguístico dentro do contexto escolar. A escolha do tema é devido à visão das autoras sobre este assunto não ser tão debatido dentro do currículo escolar. Partindo do pressuposto de que a discriminação racial ainda está presente em nossa sociedade e pode ser manifestada de diversas formas. Uma herança de uma sociedade colonial que ainda perdura na sociedade contemporânea. A manifestação do racismo linguístico consiste na utilização de expressões de cunho preconceituoso, embora muitas destas expressões tenham sofrido uma ressignificação, não deixam de trazer consigo uma carga negativa para as pessoas pretas. A metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho foi inicialmente uma pesquisa bibliográfica, bem como uma pesquisa aplicada de cunho descritiva em que o resultado do trabalho foi à produção de uma revista educacional antirracista e decolonial produzida pelos alunos da primeira série do Ensino Médio da E.E.E.P. (Escola Estadual de Educação Profissional) Maria Carmem Moreira Vieira no ano de 2023. Esperamos que este projeto tenha despertado o interesse dos alunos na temática abordada, incentivando-os a adotar uma linguagem respeitosa e inclusiva, além disso, visando promover um ambiente acolhedor em que a diversidade é valorizada e o racismo é desconstruído.

Palavras-chave: Racismo Linguístico. Contexto Escolar. Cartilha Educacional.

ABSTRACT:

The aim of this work is to deconstruct linguistic racism within the school context. The choice of this topic is due to the authors' view that it is not extensively discussed within the school curriculum. We start from the assumption that racial discrimination still exists in our society and can manifest in various forms, a legacy of a colonial society that still persists in contemporary society. The manifestation of linguistic racism involves the use of prejudiced expressions, although many of these expressions have undergone a redefinition, they still carry a negative connotation for Black individuals. The methodology used for the development of this work initially included a literature review and an applied descriptive research, with the outcome being the production of an anti-racist and decolonial educational magazine created by the students of the first year of high school at Maria Carmem Moreira Vieira State School of Professional Education in 2023. We hope that this project has sparked the students' interest in the discussed topic, encouraging them to adopt a respectful and inclusive language, while also aiming to promote a welcoming environment where diversity is valued and racism is deconstructed.

Keywords: Linguistic Racism. School Context. Educational Booklet.

1. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFCE). Professora de Espanhol da EEEP Maria Carmem Moreira Vieira.

2. Estudante da EEEP Maria Carmem Moreira Vieira.

3. Estudante da EEEP Maria Carmem Moreira Vieira.

1. INTRODUÇÃO

O racismo linguístico tornou-se o objeto de estudo desta pesquisa devido à observação das autoras de que nem sempre é um assunto recorrente no currículo escolar. Além disso, a abordagem do racismo nas instituições de ensino costuma ser genérica e superficial muitas vezes limitada a datas comemorativas ou eventos isolados.

Lamentavelmente, a discriminação racial ainda persiste em nossa sociedade e pode se manifestar por meio da linguagem, seja através de expressões racistas que ferem a dignidade das pessoas, como quando um jogador é insultado por torcedores adversários sendo chamado de “macaco”, ou de maneira mais sutil, quando alguém é tratado de forma diferente devido à cor de sua pele. Essa realidade é uma herança histórica do Brasil e, mesmo com avanços sociais e conquistas em termos de igualdade de direitos, continua a desempenhar um papel significativo nas relações sociais.

A linguagem desempenha um papel crucial na manutenção dos aspectos culturais associados a um passado escravocrata, muitas vezes expondo preconceitos embutidos como uma forma de agressão. Certos termos, devido à sua carga negativa e pejorativa, deveriam ser completamente eliminados de nosso vocabulário (GRIPP, 2020).

O racismo linguístico engloba palavras ou expressões que têm suas raízes em comportamentos racistas. Um equívoco comum é pensar que esse se limita apenas às palavras claramente destinadas a ofender alguém. Na realidade, muitas palavras que usamos no dia a dia carregam uma carga racista, como “velha negra”, “lado negro” e “cor da pele”. Embora muitas delas tenham passado por uma ressignificação ao longo do tempo, é importante estudar a origem de algumas dessas palavras para compreender como o racismo se manifesta nas relações sociais.

Com base no exposto, o objetivo deste trabalho é estimular um debate sobre o racismo linguístico no ambiente escolar, com o propósito de compreender como a língua pode refletir o racismo estrutural. Como resultado deste projeto, foi desenvolvida uma revista em quadrinhos sobre o tema, produzida pelos alunos do 1º ano da E.E.P. Maria Carmem de Vieira Moreira em 2023. Essa iniciativa visa envolver os estudantes na reflexão sobre essa questão e proporcionar uma abordagem educativa para combater o racismo presente na linguagem e na sociedade por um viés antirracista e anticolonial.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A língua é um elemento das redes de poder instaurado nos sistemas coloniais de racialização. Usar uma ou outra língua ou falar de uma forma ou de outra é igual a ocupar ou interpelar uma posição nas relações raciais (PINTO, 2010). Tendo como base que as relações raciais desempenham um papel primordial nas nossas práticas linguísticas, sendo assim, é necessário, descolonizar a noção de língua herdada da tradição eurocêntrica, visando à construção de novas configurações de conhecimento e de poder acerca de nossas práticas linguísticas e identitárias (LIMA DO BONFIM, 2021).

A nossa herança linguística reproduz a visão do colonizador como é descrita no livro *O negro e a língua* de Fanon “[...] todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana” (FANON, 2008, p. 34).

As relações sociais representam estruturas que nos possibilitam compreender as dinâmicas inerentes a este fenômeno. Sendo assim, é viável constatar a presença do racismo relacionado a esta estrutura seja de uma maneira evidente ou latente como é descrito por Kilomba:

O racismo cotidiano refere-se a todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o sujeito negro [...] não só como "Outra/o" – a diferença contra a qual o sujeito branco é medido – mas também como *Outridade*, isto é, como a personificação dos aspectos reprimidos na sociedade branca. Toda vez que sou colocada como "outra" – seja a "outra" indesejada, "outra" intrusa, a "outra" perigosa, a "outra" violenta, a "outra" passional, seja a "outra" suja, a "outra" excitada, a "outra" selvagem, a "outra" natural, a "outra" desejável ou a "outra" exótica –, estou sendo forçada a me tornar a personificação daquilo com o que o sujeito branco não quer ser reconhecido. Eu me torno a/o "Outra/o" da branquitude, não o eu – e, portanto, a mim é negado o direito de existir como igual" (KILOMBA, 2019, p.78).

Nenhuma língua existe em si só. As línguas ao serem politizadas, adquirem cor, gênero, etnia, orientação sexual e classe porque elas funcionam como lugares de desenhar projetos políticos, dentre estes, o colonialismo, a partir de 1942, e a colonialidade que ainda continua entre nós. Seria o caso "denegrir" que iniciou através de um processo de "desenegrecer" e tornou-se sinônimo de caluniar (NASCIMENTO, 2020). Com isso, é possível analisar que além das questões semânticas, é preciso compreender as teias sociais e raciais que estão envolvidas no processo da linguagem.

Marcos Bagno (1999) explora o preconceito linguístico em diferentes esferas da sociedade. Ele discute como a desvalorização de certas variedades linguísticas resultam em estereótipos negativos e contribuem para a reprodução de desigualdades sociais, mas, além disso, defende a importância de combater o preconceito linguístico por meio da valorização da diversidade linguística, promovendo a inclusão e o respeito mútuo.

No livro *Pequeno Manual Antirracista*, de Djamila Ribeiro (2019), a autora aborda o racismo em suas diversas manifestações, incluindo o racismo linguístico. Ribeiro (2019) destaca a importância de desconstruir estereótipos e valorizar a pluralidade de formas de expressões linguísticas, promovendo a igualdade e a justiça social. Ela ressalta que o racismo linguístico é uma forma de violência simbólica que marginaliza e exclui grupos sociais e que a luta contra o racismo deve incluir a valorização de todas as formas de linguagem.

Assim como em *O ódio que você semeia*, de Angie Thomas (2017), destaca como os estereótipos e preconceitos linguísticos podem impactar a vida de pessoas negras e ressalta que a luta contra o racismo se faz necessária em todas as esferas da sociedade.

Neusa Santos Souza (1983, p. 18) destaca que ser negro "[...] é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas expectativas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em sua potencialidade."

Diante disso, DOS SANTOS CAVALLEIRO (2001) defende a necessidade de uma educação antirracista que valorize todas as formas de expressão linguística, promovendo a inclusão e o respeito à diversidade cultural e linguística.

A Educação Antirracista surge como uma necessidade premente, uma urgência imperativa para enfrentar as manifestações de racismo que permeiam a sociedade e, por conseguinte, o ambiente escolar. Ela desempenha um papel fundamental ao capacitar tanto os educadores quanto os alunos a lidarem

prontamente com essas questões, identificando-as nos discursos que surgem no dia a dia da escola (SANTOS; SANTOS; EL KADRI, 2021).

Além de uma educação antirracista é necessária uma educação decolonial, na verdade, as duas devem andar de mãos juntas nesta luta. Como afirma Arroyo (2014, p. 18):

Os ideais de justiça social pela educação somente serão realidade se avançar na justiça cognitiva ou se forem superadas as concepções inferiorizantes dos Outros que ainda prevalecem no pensamento educacional.

Portanto, uma educação que inclui em seu currículo as lutas sociais abre as portas para uma educação de equidade, superando as concepções histórico-sociais que inferiorizam determinados grupos e contribuindo para a desconstrução de estereótipos e preconceitos que ainda persistem na sociedade e consequentemente na educação.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa é classificada como uma pesquisa aplicada na Escola Estadual de Educação Profissional (E.E.E.P.) Maria Carmem Moreira Vieira, localizada no município de Maracanaú. Ela se concentra em um estudo qualitativo de natureza descritiva que aborda a temática de racismo linguístico dentro da escola.

Para conduzir esta pesquisa, foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos. Inicialmente, foram realizadas revisões da literatura científica em artigos, livros e cartilhas disponíveis no periódico do *Google Acadêmico*, a fim de compor a base teórica do projeto.

Em seguida, a próxima fase envolveu uma atividade prática com as turmas de 1º ano dos cursos de Química, Secretariado, Têxtil e Desenvolvimento de Sistemas do ano de 2023, com o propósito de apresentar a temática do projeto e seus objetivos. Nessa etapa, os alunos foram convidados a criar tirinhas que abordam alguns termos de natureza racista. As turmas foram divididas em grupos e receberam expressões raciais para desenvolver tirinhas que explicam a origem racista desses termos por meio de situações cotidianas. Ao final do encontro, os produtos finais foram entregues às autoras do projeto.

Após uma análise das criações dos alunos, foram selecionadas as que seriam incluídas na revista *Contra o Racismo Linguístico*. Essa seleção foi baseada em critérios como a conformidade com a proposta apresentada e a capacidade de explicar de maneira didática e compreensível a origem racista dos termos, de modo a tornar a revista acessível a qualquer leitor. As criações que não atenderam a esses critérios foram excluídas.

A etapa seguinte envolveu a transformação das artes manuais em artes gráficas, preservando a narrativa produzida pelos alunos. Para essa transição gráfica, foi utilizado o *Canva*, devido à sua gratuidade e facilidade de uso, já que as autoras do projeto não têm experiência em design gráfico. Nessa fase, foram escolhidos personagens fixos para narrar as histórias selecionadas, contribuindo para a continuidade da narrativa e facilitando a diagramação da revista.

A última fase do projeto envolveu a divulgação da revista para a comunidade escolar. Para isso, um exemplar foi disponibilizado na biblioteca da escola e foi apresentado às turmas de 1º, 2º e 3º anos do ano de 2023 durante as aulas de projeto interdisciplinar. Além disso, a revista foi divulgada no *Instagram* oficial da escola e um *link* na internet estará disponível para acesso e download.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este projeto teve como objetivo abordar questões relevantes relacionadas ao racismo linguístico e à desconstrução do vocabulário racista no cotidiano escolar da E.E.P. Maria Carmem Vieira Moreira para informar aos alunos sobre as expressões racistas e seus significados, empreendemos várias etapas que nos permitiram alcançar resultados interessantes.

Como resultado deste trabalho, foi desenvolvido a revistinha *Combate ao Racismo Linguístico*. A primeira etapa do projeto foi realizada juntamente com os alunos do 1º ano do Ensino Médio, totalizando 32 historinhas produzidas. Conforme as figuras 1 e 2 que são produções dos alunos.

Esta etapa foi essencial para a divulgação do projeto dentro da escola. Sendo possível, debater a temática com os participantes do projeto e contribuir para o objetivo deste trabalho. Foi possível constatar que este assunto não era de conhecimento de todos os alunos já que alguns durante a dinâmica relataram não conhecer sobre a temática. Isso reforça a importância de trabalhar uma linguagem antirracista e antidecolonial dentro da escola, trazendo informações relevantes para os alunos.

Como resultado deste trabalho, foi desenvolvido a revistinha *Combate ao Racismo Linguístico*. A primeira etapa do projeto foi realizada juntamente com os alunos do 1º ano do Ensino Médio, totalizando 32 historinhas produzidas. Conforme as figuras 1 e 2 que são produções dos alunos.

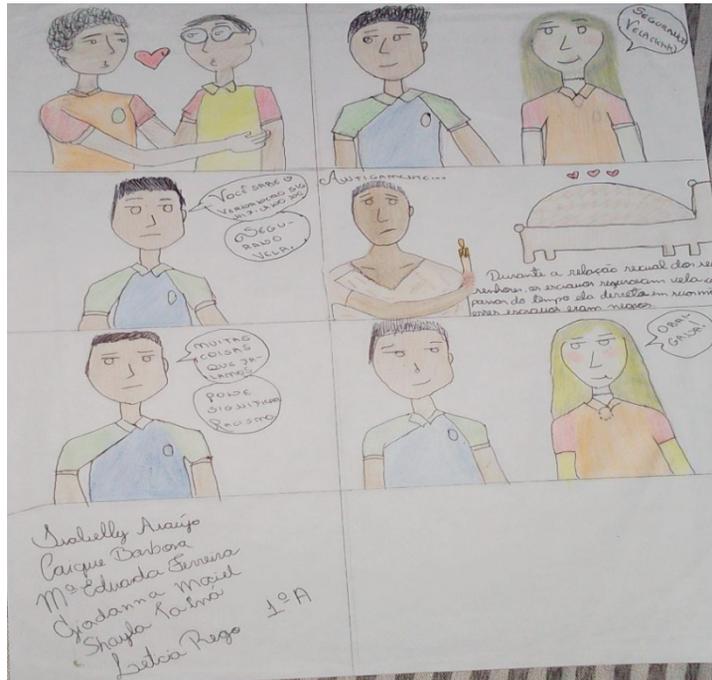
Esta etapa foi essencial para a divulgação do projeto dentro da escola. Sendo possível, debater a temática com os participantes do projeto e contribuir para o objetivo deste trabalho. Foi possível constatar que este assunto não era de conhecimento de todos os alunos já que alguns durante a dinâmica relataram não conhecer sobre a temática. Isso reforça a importância de trabalhar uma linguagem antirracista e antidecolonial dentro da escola, trazendo informações relevantes para os alunos.

Figura 1 – Artes produzidas pelos alunos do 1º ano de química.



Fonte: [autora, 2023].

Figura 2 – Artes produzidas pelos alunos do 1º ano de química.



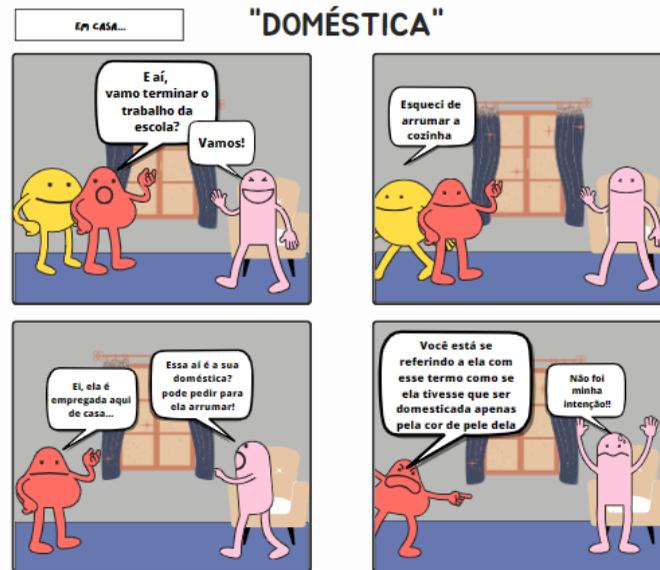
Fonte: autoras (2023).

Após a aplicação desta etapa do projeto em todos os primeiros anos, foram coletadas as tirinhas produzidas pelos alunos e selecionadas nove tirinhas para compor a revista. As outras foram excluídas por não se adequar aos critérios de inclusão da pesquisa. O material foi digitalizado na plataforma *Canva* para a produção gráfica, conforme as figuras 3 e 4. Com o intuito de aprimorar a qualidade e a correção ortográfica, foi solicitada a colaboração de uma professora de português da nossa escola para revisar a parte gramatical e com isso garantir a qualidade do material.

Figura 3 – Transcrição das produções dos alunos do primeiro ano para o *Canva*.



Fonte: autoras (2023).

Figura 4 – transcrição das produções dos alunos do primeiro ano para o *Canva*.

Fonte: autoras (2023).

Por fim, foi finalizada a digitalização das tirinhas após correção e foi disponibilizado o resultado do trabalho em formato de revista em quadrinhos que pode ser acessado por meio de um *link*.⁴ Também foi doado um exemplar para a biblioteca da escola e realizada a divulgação da mesma no *Instagram* e em todas as turmas da E.E.E.P. Maria Carmem Moreira Vieira. Essa abordagem visa garantir que o material seja facilmente acessível, permitindo que todos os estudantes possam se beneficiar do aprendizado e compartilhá-lo com outras pessoas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto buscou informar aos alunos sobre determinados termos do cotidiano social que trazem consigo uma carga preconceituosa, sendo utilizados muitas vezes sem o devido conhecimento por estar enraizado na sociedade há muitos anos. As ações traçadas nesta pesquisa visam orientar e informar sobre estes termos e assim diminuir a disseminação do racismo estrutural.

Uma das ações desta pesquisa foi à confecção de uma revista educacional feita inicialmente à mão com os alunos da primeira série da nossa escola. Foram momentos de aprendizagem compartilhados com os participantes do projeto e com as autoras. Uma experiência gratificante em presenciar o talento de alguns alunos sendo posto em prática em prol do nosso trabalho. Esperamos que, assim como nós, eles sejam atuantes e repassem esses conhecimentos para outras pessoas. Esperamos também que o impacto deste projeto não seja somente na área escolar, mas que de alguma forma faça diferença na linguagem e no pensamento da nossa sociedade.

Por fim, acreditamos que esse projeto tenha despertado o interesse dos alunos e incentivá-los a adotar uma linguagem respeitosa e inclusiva. Além disso, visamos promover um ambiente escolar acolhedor, onde a diversidade seja valorizada e o racismo seja desconstruído. Acreditamos que a educação é o caminho para a transformação social e estamos confiantes de que esse projeto contribuiu para esse propósito.

4. Link de acesso à Revista *Contra o Racismo Linguístico*: https://drive.google.com/file/d/1TuagJrtYqtnmgtCRzHhkwRT2f6j0Ju6v/view?usp=drive_lin

REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. Edições Loyola, 1999.
- DOS SANTOS CAVALLEIRO, Eliane (Ed.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. *Selo Negro*, 2001.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador, EDUFBA, 2008.
- GRIPP, Maristela dos Reis Sathler. **Como o racismo contamina a linguagem cotidiana**. 2020. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2020/10/02/como-o-racismo-contamina-a-linguagem-cotidiana/>. Acesso em 11 jul. 2023.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro, Cobogó, 2019.
- LIMA DO BONFIM, M. A. Por uma linguística aplicada antirracista, descolonial e militante: Racismo e branquitude e seus efeitos sociais: DOI: 10.29327/232521.8.1-9. **Revista Virtual Lingu@ Nostr@**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 157-178, 2021. Disponível em: <https://www.linguanostra.net/index.php/Linguanostra/article/view/214>. Acesso em: 20 set. 2023.
- NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Editora Letramento, 2020.
- PINTO, Joana. Da língua-objeto à práxis Linguística: Desarticulações e Rearticulações contra hegemônicas. **Revista Linguagem em Foco**. Fortaleza, 2010. p.69-83.
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. Companhia das letras, 2019.
- SANTOS, C. G.; SANTOS, J. R. de O.; EL KADRI, M. S. Letramento Racial Crítico na construção da Educação Antirracista nas aulas de língua inglesa da Educação Básica. **Entretextos**. Londrina, v. 21, n. 2, p. 153-172, 2021. DOI: 10.5433/1519-5392.2021v21n2p153. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/43104>. Acesso em: 21 set. 2023.
- SOUZA, Neusa. **Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro Brasileiro em Ascensão Social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- THOMAS, Angie. **O ódio que você semeia**. Galera, 2017.